



Letramento e recitação na Roma Imperial

Letícia Fantin Vescovi
Graduação em Letras – UFES
Orientadora: Profa. Doutora Leni Ribeiro Leite

Resumo

Atualmente, o paradigma de leitura é a prática individual e silenciosa. Entretanto, longe de ser o único modelo possível, não era nem mesmo a principal forma de leitura na Antiguidade. O texto não existe fora de uma materialidade que, se no paradigma atual é um objeto impresso, foi, durante muito tempo, uma forma de transmissão ligada às práticas da oralidade. No mundo romano, a principal forma de circulação do texto literário era a recitação, que ocorria sob diversas formas: recitações privadas ou públicas, concursos literários em que o texto era julgado a partir de uma leitura em voz alta, e mesmo a recitação quando da própria composição do texto. Procuramos, então, resgatar as práticas de leitura da sociedade romana através dos textos poéticos legados por ela e conhecer seus protocolos de leitura no momento em que a cultura escrita alcançou sua máxima expansão, os séculos I e II d.C.

Palavras-chave: Recitação. Oralidade. Letramento. História da Leitura. Império Romano.

Literacy and recitation in the Roman Empire

Abstract

In our modern societies, the paradigm of reading is individual and silent. However, far from being the only one possible, this wasn't even the main form of reading in the Ancient times. The text doesn't exist outside its materiality, and, if the current standard is the printed object, it was, for a long time, a form of transmission connected to practices of orality. In the Roman world, the main form of circulation of the literary text was the recitation, which happened in various ways: public or private recitations, literary contests where the text was judged from an oral performance, and even recitation when the text was being produced. We aim at observing the reading practices of the Roman society through poetic texts and at getting to know the reading protocols of that society at the moment when the maximum expansion of the written culture is achieved, i.e., the first and second centuries AD.

Keywords: Recitation. Orality. Literacy. History of reading. Roman Empire.

1. Introdução

Chartier (2001), em colóquio com Bourdieu, defende a idéia de que, historicamente variáveis, as situações de leitura nem sempre fazem com que ela em si seja um ato que “reenvie à individualidade”, porque essa concepção não foi sempre a dominante. Assim, em oposição a nosso entendimento contemporâneo de leitura como uma atividade eminentemente silenciosa e particular, estudos sobre oralidade e letramento na Antiguidade, quer sejam recentes, como o empreendido por Johnson (2009), quer sejam continuação de pesquisas iniciadas em décadas anteriores, como o de Havelock (1986), dão-nos base teórica para que se possa apontar uma série de elementos ligados à oralidade que permeiam as literaturas grega e latina, embora ambas diferenciem-se histórica e cronologicamente quanto ao momento e à forma da influência da oralidade na literatura.

Se, como diz Maingueneau (2001), não é possível separar a obra de seus modos de transmissão e de suas redes de comunicação, essa dimensão “midiológica” nos leva a pensar que as recitações, como principal forma de circulação do texto literário, são campo fértil para que a relação entre oralidade e literatura seja analisada. Em sua composição, o texto escrito era marcado por elementos que deveriam fazer com que o objetivo final, a leitura em voz alta, lograsse êxito. Termos como “livro”, “leitura” e “letramento”, por trás de sua aparente estabilidade, referem-se a realidades extremamente variáveis, de acordo com o momento em que são usados. Se, ainda de acordo com Maingueneau (2001), o vocabulário usado por escritores em uma dada época reflete os ritos genéticos, que dão legitimidade à literatura, ao autor e à obra, naquele dado momento, os próprios termos ligados à literatura devem ser objeto de questionamento. O que “livro” e “leitura” significam, por exemplo, para um autor do século I d.C.?

A literatura romana, nas palavras de Starr (1991:338), pode ser melhor descrita como “auditiva”, e não “oral”. A literatura era então apreciada “primeiramente

através dos ouvidos, ao invés dos olhos”. Naquele contexto, as recitações eram a principal forma de divulgação e contato com os textos escritos, principalmente os literários – a leitura silenciosa era geralmente reservada a escritos em que o conteúdo era o essencial, e o estilo tinha pouca importância, tais como documentos legais ou de negócios.

De acordo com Cavallo & Chartier (2002), as recitações públicas, enquanto “ritos” literários e sociais, contavam com a presença não somente de indivíduos mais atentos à audição do que a leitura, mas também de ouvintes desatentos e entediados. Já a leitura silenciosa, ainda que menos comum, era praticada de acordo com fatores ou condições particulares, como o estado de espírito do leitor.

Catherine Salles (1994, *passim*) ressalta o papel preponderante que as recitações tinham na criação e circulação de textos em Roma, desde a república até o fim do império. Conforme demonstra Allen (1972), o próprio vocabulário usado nos textos literários romanos aponta para um protocolo de leitura em que a palavra oral tem vantagem sobre a palavra escrita – o verbo *cantare*, cantar, é usado com o sentido de ler em autores tão diversos entre si como Ovídio, Cícero, Horácio, Vergílio e Marcial.

Criou-se então a possibilidade de questionar: o que era a leitura no mundo romano? Quais eram os protocolos que configuravam esta prática social e cultural em uma sociedade que, dotada de cultura escrita, ainda tinha a oralidade como parte essencial de seu letramento? O presente artigo reflete nossa busca por respostas a tais questões, com respaldo em textos literários do período.

2. Letramento e práticas de leitura

Nosso conhecimento moderno acerca do letramento é acrescido freqüentemente por estudos antropológicos, cognitivos e sociolinguísticos sobre o tema. Em se tratando de leitura no mundo antigo, as divergências acerca de termos como “letramento” ou “leitura” tomam proporções ainda maiores, porque o objeto

de estudo, materialmente falando, é escasso, e por vezes incompleto, se comparado com os materiais de períodos mais recentes. O debate entre os estudiosos, porém, é rico e revela a necessidade de tratar questões que dizem respeito às práticas da oralidade em sociedades, como a latina, em que o texto escrito já possuía função estabelecida, e também de reconstruir seus diversos modos de leitura.

Chartier pondera que, se pensarmos na leitura como uma prática, milhões de atos de leitura se realizam todos os dias por milhões de indivíduos, o que impossibilita a reconstrução dessa realidade múltipla. O que se pode fazer é “reconstruir as normas e as regras, costumes em que todos estes milhões de atos singulares se situam e encontram seu sentido” (CHARTIER, 2002, p.101).

Contudo, antes de adentrarmos a nossa questão principal, que é a caracterização das recitações do período imperial romano, precisamos ter em mente que a leitura silenciosa, de fato, ocorria paralelamente à leitura em voz alta e era, como apontam pesquisas de William Johnson (2000), vista de certo modo como evento comum pelos antigos. Rebatendo as pesquisas que destacam que o leitor romano não tinha *capacidade cognitiva* para ler silenciosamente, Johnson chama atenção para a influência de contextos e da *scriptio continua* no ato de ler, já que estudos tecnológicos indicam que esta era a responsável pela *necessidade* de se ler em voz alta a seqüência das letras, afim de que o texto fizesse sentido. Também nessa perspectiva, Small (1997) e Johnson (2000) citam os estudos cognitivos de Bernard Knox, que alerta para a impossibilidade de um leitor se sentir na obrigação de ler todo seu acervo literário em voz alta. Johnson também frisa as refutações do teórico que observa que, embora a necessidade de leitura em voz alta se desse em relação a textos literários, cartas e documentos eram sim passíveis de serem lidos silenciosamente. O estudo de Grivilov, congruente com essa teoria, justifica que “the person reading aloud needs to be able to glance ahead and read inwardly selected portions of the following text; the more experienced the reader, the more easily and reliably they do this. That is why for virtuoso reading aloud one requires

not merely the ability to read to oneself, but skill at it”¹ (GRAVILOV, apud JOHNSON, 2000, p.598)

Tais discussões sobre leitura silenciosa apontam que, embora “the phenomenon of reading itself is fundamentally the same in modern and in ancient culture”², (GRAVILOV, apud JOHNSON, 2000, p.599), o modo de leitura utiliza diferentes tipos de textos que, mesmo quando lidos pela mesma pessoa, em contextos diferentes resultam em diferentes eventos de leitura. Assim, baseando-nos na singularidade de tais eventos, questionamos quais eram os protocolos que configuravam a prática social leitora na Roma Imperial que, dotada de cultura escrita, ainda tinha a oralidade como finalidade essencial de seu letramento.

2.1 Recitações

Em Roma, deu-se a Asínio Polião (75 a.C. – 4 d.C.) o título de criador da *recitatio*, prática de leitura pública e em voz alta de texto literário, que rapidamente tomou seu espaço na sociedade, exatamente quando a atuação do *princeps* reduzia o espaço de atuação dos oradores no Fórum romano junto ao Senado. No período em questão, compreendido entre os séculos I e II d.C., as recitações já ocorriam sob diversas formas: recitações privadas ou públicas, concursos literários em que o texto era julgado a partir de uma leitura em voz alta, e mesmo a recitação quando da própria composição do texto.

A recitação pública tornou-se, então, nesse período, a principal forma de divulgação dos textos literários, paralelamente às “publicações”. Entretanto, antes das recitações públicas e das “publicações”, recitações de caráter privado eram

¹ A pessoa lendo em voz alta necessita ser capaz de olhar à frente e ler internamente partes selecionadas do texto que segue; quanto mais experiente o leitor, mais facilmente e confiavelmente ele pode fazê-lo. Eis a razão porque, para uma excelente leitura em voz alta, não se requer meramente a habilidade de ler para si mesmo, mas destreza em fazê-lo. (tradução nossa)

² O fenômeno da leitura em si é fundamentalmente o mesmo em culturas modernas e antigas. (tradução nossa)

privilegiadas e tinham como propósito o aperfeiçoamento da obra literária que posteriormente seria exibida para uma vasta audiência.

Reciprocamente, aqueles que pertenciam ao mesmo círculo social-literário eram convidados para ouvirem as obras não finalizadas uns dos outros, a fim de que fossem tecidos comentários, feitas objeções e propostas correções ao texto. Algumas cartas³ de Plínio, o Jovem, evidenciam essa prática social, mantenedora das relações de patronato e clientelismo. Em sua *Ep.5.12.1*, Plínio enumera dois motivos principais, e pessoais, para o convite feito a seus amigos: vencer o nervosismo perante um público maior e ser advertido dos erros que poderia ter cometido:

*Recitaturus oratiunculam quam publicare cogito, advocavi aliquos ut vererem, paucos ut verum audirem. Nam mihi duplex ratio recitandi, una ut sollicitudine intendar, altera ut admonear, si quid forte me ut meum fallit. 2 Tuli quod petebam: inveni qui mihi copiam consilii sui facerent, ipse praeterea quaedam emendanda adnotavi. Emendavi librum, quem misi tibi.*⁴

A correção, entretanto, não acontecia exclusivamente nos momentos das recitações, como já notado na carta anterior, pois era comum, como diz Starr (1987), que amigos enviassem cópias de seus textos para outros, com o intuito de que fossem dadas sugestões de corte ou mudança nos textos. Essa prática em Plínio apresenta-se também em outras cartas⁵, além da *Ep. 4.26.1*: “*Petis ut libellos meos, quos studiosissime comparati, recognoscendos emendandosque curem. Faciam. Quid enim suscipere libentius debeo, te praesertim exigente?*”⁶

³ Cf. *Ep. 5.3*; *Ep.7.17*

⁴ Estando eu pronto para recitar um pequeno discurso, que estou pensando em publicar, chamei alguns amigos, para criar em mim algum medo, mas poucos, para que eu pudesse ouvir a verdade. Tenho, de fato, dois motivos para essas leituras: controlar minha inquietação e ser advertido sobre os erros que cometo, Se por acaso cometer um erro por minha própria ignorância. Consegui o que procurava, encontrei amigos que me deram abundância de seus conselhos, e, além disso, eu mesmo percebi algumas coisas a corrigir. Corrigi o livro, que agora te envio. (tradução Leni Ribeiro Leite)

⁵ Cf. *Ep. 2.5*; *Ep. 4.14*; *Ep. 7.20*; *Ep. 8.19*

⁶ Você pede que eu me ocupe de meus livrinhos, os quais reuniu aplicadamente, examinando e consertando. Farei, pois do que devo encarregar-me com mais prazer, especialmente por seu pedido? (tradução nossa)

Era comum, além disso, que fossem feitas recitações em momentos festivos, como banquetes, e que poemas fossem recitados para o deleite dos convidados. Sobre esse aspecto, cabe ressaltar que cada família abastada possuía seus próprios *lectores*, isto é, escravos ou libertos especializados em leitura em voz alta. Um exemplo retiramos da carta *Ep 9.36.4* que, embora não cite o *lector* diretamente, evidencia seu uso cotidiano: “*Cenanti mihi, si cum uxore vel paucis, liber legitur; post cenam comoedia aut lyristes; mox cum meis ambulo, quorum in numero sunt eruditi*”.⁷

Aponta Starr (1991) que a especialização chegava a tal ponto que os *lectores* davam suporte tanto à atividade literária quanto à pesquisa. Existiam ainda *notarius* (“anotadores”), *librarius* (“secretários”) e *a manu* (“copistas”), mas que não faziam o trabalho uns dos outros: de um *notarius* se poderia esperar, se necessário, que lesse em voz alta, mas de um *lector* somente se esperava a leitura em voz alta. Uma breve explicação de cunho prático explica também a utilização de tais suportes, pois o uso de *lectores* não significava mera ostentação:

But *lectores* had another function, perhaps even more basic and much easier to overlook. They made it possible for their masters to enjoy literary texts without having to read a hand-copied roll. [...] For aristocratic readers, *lectores* provided the ultimate experience of literary texts; a polished rendition in which the auditor could focus on the literary work and not on the work of reading. (STARR, 1991, p.343)⁸

Ressaltamos aqui que, além dos *lectores*, outros suportes também interferem na recepção da obra literária. Maingueneau alerta que “não é possível separá-la [a obra]

⁷ Se estou almoçando sozinho com minha esposa ou com poucos amigos, um livro é lido; depois do almoço, comédia ou música; depois passeio com meus amigos, dos quais muitos são eruditos. (tradução nossa)

⁸ Mas os *lectores* tinham outra função, talvez até mais básica e muito mais fácil de esquecer. Eles tornam possível seus patrões gozar dos textos literários sem ter de ler um rolo copiado à mão [...] Para os leitores aristocratas, os *lectores* forneciam a melhor experiência de textos literários; uma leitura bem-realizada durante a qual o ouvinte poderia focar-se na obra literária, e não no trabalho da leitura. (tradução nossa)

de seus modos de transmissão e de suas redes de comunicação” e que “a transmissão do texto não vem *após* sua produção, *a maneira como ele se institui materialmente é parte integrante de seu sentido*” (MAINGUENEAU, 2002, p.83, grifo do autor). Assim, salientando que o formato comum de “livro” (*liber*, ou o diminutivo *libellus*) na Roma Antiga é o *uolumen*, isto é, um livro-rolô, destacamos que tal suporte, juntamente com o *lector* (ou a voz leitora, que é sua parte integrante), constituem ferramentas para que a literatura romana seja exatamente descrita como “mais aural que oral” (STARR, 1991).

Em se tratando de recitação pública, a voz leitora é do próprio escritor⁹, que recita, ou discursa, em favor da “publicação” de seus textos. E destacar esse termo pede que definamos o que era a publicação de um livro na Antiguidade, para que parte da ação responsável pela circulação dos textos não se limite às implicações modernas que o termo oferece.

Starr (1991) revela que a partir do momento em que o autor envia a cópia de seu trabalho finalizada para um amigo, sabe que efetivamente está fora de seu alcance controlar a multiplicação das cópias. *Publicare*, na sociedade desse autor, antes de tudo refere-se ao “tornar público”, seja por meio oral, seja por meio escrito. Evidentemente, a predileção pela recitação como “pré-publicação” protege o autor da circulação de seus textos ainda em fase de polimento e reafirma seus vínculos sociais, já que os pertencentes a seu círculo social-literário sempre terão preferência em relação ao recebimento da obra. A circulação de cópias não implica pagamentos por vendas feitas por livreiros ou reconhecimento garantido ao autor. Por ora, apresentamos um epigrama de Marcial relativo aos “direitos autorais” (no caso, somente reconhecimento, não pagamento) que, ressalvadas as devidas proporções, só eram garantidos ao poeta quando seu texto era famoso:

⁹ Se este atende as exigências de uma boa oratória, como possuir, por exemplo, boa dicção. Plínio, em *Ep. 9.34* conta a Suetônio que cogita usar seu *lector* para a recitação de seus versos porque disseram-lhe que ele mesmo recita mal poesia. Ainda, embora não fosse comum, em *Ep. 4.7* Plínio conta que seu desafeto, Regulo, pediu para que o melhor cônsul lesse em público o discurso que ele havia feito para homenagear postumamente o filho. De fato, nota-se aí a importância dada a *recitatio*, já que o próprio pai, o qual deveria discursar, não o faz e pede ajuda “a melhor voz”.

I, 66

*Erras, meorum fur auare librorum,
fieri poetam posse qui putas tanti,
scriptura quanti constet et tomus uilis:
non sex paratur aut decem sophos nummis.
Secreta quaere carmina et rudes curas
quas nouit unus scrinioque signatas
custodit ipse uirginis pater chartae,
quae trita duro non inhorruit mento:
mutare dominum non potest liber notus.
Sed pumicata fronte si quis est nondum
nec umbilicis cultus atque membrana,
mercari: tales habeo; nec sciet quisquam.
Aliena quisquis recitat et petit famam,
non emere librum, sed silentium debet.¹⁰*

Vale ressaltar que tanto Marcial, em *2.6.1-10*, quanto Plínio, em *Ep. 3.21*, deixam claro que os poemas não *circulavam* oralmente, mas em livros. Plínio, em *Ep. 1.13*, lembra que se você quer ouvir poesia uma vez, várias oportunidades existem, mas se quer gozar da mesma poesia uma segunda vez, deve lançar mão do texto escrito. A *circulação* dos textos literários de fato ocorria por meio de livros, mas as recitações, como precursoras, eram ainda visadas por fazerem parte também da própria produção do texto.

Há, entretanto, exemplos apresentados que são desfavoráveis à prática pública. Juvenal, em sua *Sátira I*, justifica que um dos motivos para escrever sátira seria não

¹⁰ Estás enganado, ávido ladrão dos meus livros,
que julgas tornar-te poeta só pelo preço
que custa a escrita e um rolo barato:
os vivos não se compram por seis ou dez sestércios.
Procura poemas inéditos e obras inacabadas,
que, ocultas no escrínio, só uma pessoa conhece:
guarda-as o próprio pai do papiro virgem,
que se não enrugou puído por um queixo áspero.
Um livro conhecido não pode mudar de dono.
Mas se há algum com o rosto ainda não polido de pedra-pomes,
e não adornado de cilindros e de capa protectora,
compra-o: desses tenho eu; e ninguém o saberá.
Quem recita o que é dos outros e procura fama,
Não deve comprar o livro, mas o silêncio. (tradução José Luís Brandão)

ter que lidar com assuntos tão repetitivos quanto os das recitações; Plínio admite que certos assuntos são cansativos para a audiência (como recitações de agradecimento ao *princeps*)¹¹ e que essa se entedia facilmente, e com razão, se o orador não for bom¹²; ainda cita, como Marcial, a reciprocidade que a prática exige. Observamos ambas as citações em Plínio *Ep.* 1.13.6: “*Possum iam repetere secessum et scribere aliquid, quod non recitem, ne videar, quorum recitationibus adfui, non auditor fuisse sed creditor. Nam ut in ceteris rebus ita in audiendi officio perit gratia si reposcatur. Vale.*”¹³ e em Marcial 1.63 “*Vt recitem tibi nostra rogas epigrammata. Nolo:/ non audire, Celer, sed recitare cupis.*”¹⁴

A recusa a um convite poderia indicar que a relação social estava comprometida, como no trecho da carta *Ep.* 1.5.4: “*ideoque etiam cum recitaret librum non adhibuerat. Praeterea reminiscatur, quam capitaliter ipsum me apud centumviros laccessisset*”¹⁵

Cavallo destaca que

[...] é mais importante insistir no caráter de vínculo social, de cumplicidade mundana e de hábito intelectual dessas leituras públicas, as quais, justamente enquanto “ritos” literários e sociais, contavam com a presença não somente de indivíduos interessados e cultos ou até menos preparados e, por isso, mais atentos à audição do que à leitura, mas também ouvintes desatentos e entediados. Graças a esses “ritos”, todavia, a participação no “lançamento” e na circulação de certas obras compreendia um público mais vasto do que o dos verdadeiros leitores. (CAVALLO In: CHARTIER, 2001a, p.82)

¹¹ Cf. *Ep.* 3.18

¹² Cf. *Ep.* 4.7

¹³ Agora posso buscar um retiro e escrever outras coisas que não desejo recitar, para que não pareça para aqueles em cujas recitações estive presente que eu não fui um ouvinte, e sim um credor. Pois, assim como em outras situações, também o papel de ouvinte deixa de ser um favor se uma retribuição é exigida. (tradução Leni Ribeiro Leite)

¹⁴ Pedes que te recite meus epigramas. Nem pensar!

Tu não querer ouvir, Céler, queres é recitar. (tradução José Luís Brandão)

¹⁵ E por essa razão também não me convidou para sua recitação. Desde então se lembrava o quão implacavelmente ele mesmo me havia atacado na Corte Centunviral. (tradução nossa)

Assim, a atmosfera que envolve as recitações torna indissociável a palavra escrita da palavra oral. O texto escrito, contudo, não nos permite ir além e analisar outros elementos como tom de voz, expressão facial e linguagem corporal de quem fala, não passíveis de “leitura” pela escrita. A incompletude dos atos locutórios inicialmente só nos permite analisar algumas pistas que nos deixaram a escolha vocabular que diz respeito às práticas de leitura no mundo antigo e essa influência do oral no escrito.

2.2 Vocabulário

Diz Allen, em relação ao vocabulário verbal referente ao ato de ler, que “we are dealing with a group of connotations that the Romans considered pellucid” (ALLEN, 1972, p.02)¹⁶, o que inicialmente prejudica qualquer tentativa de categorização dos verbos como sendo mais alusivos à oralidade ou à escrita, pois as fronteiras, semânticas e lingüísticas, não são tão delimitadas quanto gostaríamos. Deparamo-nos, ao retirar das cartas de Plínio o Jovem, das sátiras de Juvenal e dos epigramas de Marcial trechos relacionados à prática da recitação, com verbos que diziam respeito à elocução (*cantare, canere, legere, pronuntiare, recitare*), com situações que se referiam a prática da recitação poética e forense. Cabe destacar, antes de apresentarmos exemplos, que

a primeira [a escrita literária] era dominada pela retórica que impunha suas categorias também às outras formas literárias, poesia, historiografia, tratados filosóficos e científicos; por isso, ela exigia, sobretudo diante de grandes auditórios, uma leitura expressiva, modulada por tons e cadências de voz conforme o gênero do texto e os pretendidos efeitos de estilo. Não por acaso, o verbo que indica a leitura da poesia é frequentemente *cantare*, e *canora*, o termo que designa a voz do intérprete. (CHARTIER, 2001, p.80)

¹⁶ Estamos lidando como um grupo de conotações que os romanos consideravam transparentes (tradução nossa)

Cantare, menos frequentemente *canere*, como já discutido por Allen (1972), relaciona-se à avaliação negativa do modo de elocução de um orador ¹⁷ em apresentações no teatro e à leitura de poesia em voz alta acompanhada musicalmente, feita ou não em um local público, o que seria o próprio “cantar” em português. Entretanto, o estudioso ressalta que o acompanhamento de instrumentos musicais (cítara ou lira) não se fazia obrigatório, tendo em vista inúmeros exemplos do uso do verbo em que não se faz presente esse tipo de auxílio. Observamos então a diferença entre o uso ou não de acompanhamento musical na *Ep.7.4.9*, em que Plínio nota, admirado, que seus versos eram até cantados, ora acompanhados por cítara, ora por lira: “*legitur describitur cantatur etiam, et a Graecis quoque, quos Latine huius libelli amor docuit, nunc cithara nunc lyra personatur.*”¹⁸. Enquanto nesse trecho notamos a diferenciação entre *legitur* e *cantatur*, no epigrama de Marcial 14,183 os verbos *legere* e *cantare* parecem passíveis de substituição um pelo outro, pois *cantare* refere-se a uma prática de leitura que, sabemos, era feita por um leitor, e não ouvinte, já que o poema é sobre um livro dado de presente (LEITE, 2008): “*Homeri Batrachomachia/ Perlege Meonio cantatas carmine ranas/ Et frontem nugis solvere disce meis.*”¹⁹

Não obstante, Allen aponta que em Juvenal 7.150-4 há certa diferença entre os dois verbos quando Juvenal descreve dois estágios de recitação na escola, que envolve dois métodos de interpretar um trecho de prosa em voz alta. *Legere* referir-se-ia mais exatamente a um modo “estático” (sentado), enquanto *cantare* seria um modo mais “dinâmico” (em pé):

*declamare doces? o ferrea pectora Vetti,
cum perimit saeuos classis numerosa tyrannos.
nam quaecumque sedens modo legerat, haec eadem stans*

¹⁷ Allen cita *Cic. Orat. 27*: “canere: inclinata ululantiq[ue] voce more Asiatico canere”.

¹⁸ [versos] lidos, copiados e até cantados por gregos, a quem o amor por este livrinho ensinou latim, são ressoados ora por cítara, ora por lira. (tradução nossa)

¹⁹ Batracomaquia de Homero

lê completamente as rãs cantadas em poema Meônio

e aprende a abrandar teu humor para com meus gracejos poéticos. (tradução Leni Ribeiro Leite)

*perferet atque eadem cantabit uersibus isdem.
occidit miseros crambe repetita magistros.*²⁰

Cantare, nesse caso, relacionando-se à prosa, não se distingue de *legere* por contraste entre seus significados respectivos de “cantar” e “ler silenciosamente”, mas pela postura do futuro orador. A preocupação do professor é cabível, se pensarmos que a educação romana, visando a formação do *civis romanus* (cidadão romano), pautava-se pelo ensino da arte oratória. Já na escola aprendia o jovem instruções que muito se assemelhavam à preparação para o canto, como, por exemplo, regular sua tonalidade, articular elementos, suavizar ou tratar com ímpeto cada palavra. Plínio, em *Ep. 2.19.3*, também demonstra insatisfação quanto ao modo “estático” de leitura, já que o mero fato de estar sentado já seria desvantagem, pois o recitador tem nas mãos e nos olhos o apoio para a leitura, mas a audiência tem nesse apoio motivo para distração; logo, se não se esforça para que ao menos sua voz atraia atenção, discursar sentado será naturalmente entediante. Essa “dupla operação da vista e da voz” (CHARTIER, 2001, p.82), tratada como parte essencial do verbo *recitare*, presente na carta citada acima, pode se estender também ao verbo *pronuntiare*, que nas cartas de Plínio²¹ aparece como sinônimo abrangente de “recitar em voz alta”.

Legere, por sua vez, enquanto sinônimo de leitura silenciosa, pode ser observado em um comentário de Plínio sobre seus momentos de retiro no campo, em Laurento, onde encontra na vila tempo para escrever e ler sem ser incomodado.²²

3. Conclusões

A recitação pública tornou-se, entre os séculos I e II d.C., a principal forma de divulgação de textos literários, paralelamente às “publicações”. Embora não tenha

²⁰ Ensinas a declamar? Ó Vétio! Que peito de ferro tens
Enquanto a classe numerosa mata os furiosos tiranos
Pois cada um, por sua vez, se levanta e repetirá o que há pouco tinha lido sentado,
e cantará a mesma coisa pelos mesmos versos.
As mesmas histórias repetidas mil vezes ainda matarão os pobres professores! (tradução nossa)

²¹ Cf. *Ep. 1.5.7; Ep. 2.3.10; Ep. 3.5.12; Ep. 9.34.2*

²² Cf. *Ep. 1.9*

mantido o mesmo vigor da época republicana, em que viveu o modelo de orador, Cícero, é importante destacar que as recitações ainda tinham espaço cativo na sociedade romana, mesmo em um período de franca expansão da cultura escrita. Almejada pelo *civis romanus* desde sua educação, a prática da recitação pública traz *status* e fortalece os vínculos sociais. A boa *performance* oral é indissociável do caráter público do orador, porque “como dizem, a voz viva é mais eficiente”²³, e não são poucos os exemplos de má oratória relacionados à vida pública de um cidadão. Mesmo nos casos de recitação privada, se um orador não possuía as qualidades para recitar, poderia encarregar do trabalho seu *lector* ou mesmo contratar um ator; soluções não faltavam para que fosse feita a recitação. Não era também incapaz de ler silenciosamente, o que estudos e exemplos comprovam, mas paralelamente a essa prática, o romano via na recitação um dos passos para a composição poética.

4. Referências Bibliográficas

- ALLEN Jr., Walter. “Ovid’s cantare and Cicero’s cantores Euphorionis”. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*. Baltimore: Johns Hopkins University. v. 103, 1972: 1-14.
- BRAUND, Susanna Morton. *Latin literature*. London: Routledge, 2002.
- CAVALLO, Guglielmo & CHARTIER, Roger (org.). *História da leitura no mundo ocidental, v.1*. São Paulo: Ática, 2002.
- CHARTIER, Roger (ed). *Práticas da leitura*. 2.ed.rev. São Paulo: Estação Liberdade, 2001a.
- _____. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed, 2001b.
- FANTHAM, Elaine. *Roman Literary Culture: from Cicero to Apuleius*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1996.
- HAVELOCK, Eric A. *The muse learns to write - Reflections on orality and literacy from antiquity to the present*. New Haven: Yale University, 1986.

²³Cf. Plínio, *Ep.* 2.3.9

- JOHNSON, William A. & PARKER, Holt N. (ed.), *Ancient Literacies: The culture of reading in Greece and Rome*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- JOHNSON, William A. "Toward a sociology of reading in classical antiquity". *The American Journal of Philology*. Baltimore: The Johns Hopkins University. v. 121, 4. Winter 2000: 593-627.
- _____. *The Circulation of Literary Texts in the Roman World*. *The Classical Quarterly, New Series*, Vol. 37, No. 1. (1987), pp. 213-223.
- LEITE, Leni Ribeiro. *O universo do livro em Marcial*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MARCIAL. *Epigramas*. Trad. org. e notas: Delfim Ferreira Leão et al. Lisboa: Edições 70, 2000. 4 v.
- PLINY THE YOUNGER. *Letters of Pliny the Younger*. Transl. Betty Radice. Cambridge (Mass.): Harvard University, 1969 (Loeb Classical Library [55]) 2v.
- SALLES, Catherine. *Lire à Rome*. Paris: Les Belles Lettres, 1994.
- SMALL, Jocelyn Penny. *Wax tablets of the mind*. London: Routledge, 1997
- STARR, Raymond. Reading aloud: lectores and Roman reading. *The Classical Journal*. Ashland(VA): Classical Association of Mid-West and South. v. 86, 4: April-May 1991: 337-343
- TRINGALI, Dante. *A arte poética de Horácio*. São Paulo: Musa, 2004.



Recebido em Agosto de 2010
Aprovado em Agosto de 2010